

Lula diz que voto a candidata de oposição na Venezuela é 'grave'

Política externa

Ao lado de Macron, Lula critica veto a candidata de oposição na Venezuela

— Presidente brasileiro afirma que não há explicação política ou jurídica para que Corina Yoris não tenha conseguido registrar candidatura para eleições presidenciais

FELIPE FRAZÃO
BRASÍLIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva criticou abertamente pela primeira vez o processo eleitoral na Venezuela, uma inflexão no apoio do brasileiro a Nicolás Maduro, e disse que a situação no país vizinho "é grave". A expressão foi repetida pelo presidente da França, Emmanuel Macron, que concluiu ontem uma visita de três dias ao Brasil.

Até o início da semana, Lula vinha enviando gestos de apoio e votos de confiança a Maduro. O desgaste político, no entanto, teria feito o presidente mudar de direção. A gota d'água parece ter sido o veto à inscrição da opositora Corina Yoris, sem qualquer explicação.

Ontem, questionados pelo **Estadão**, em entrevista coletiva, Lula e Macron colocaram em dúvida se a eleição venezuelana de 28 de julho está ocorrendo de fato em um ambiente democrático. Lula, pela primeira vez, adotou uma posição crítica sobre o tema.

"É grave que uma candidata não possa ter sido registrada sem ter sido proibida pela Justiça", afirmou o brasileiro, em referência a Yoris, que substituiria Maria Corina Machado, favorita na disputa contra Maduro, mas impedida pelo regime de concorrer à presidência.

Para Lula, a inabilitação de Maria Corina não é o maior



Macron e Lula no Palácio do Planalto, em Brasília: críticas ao processo eleitoral da Venezuela

problema. O presidente brasileiro voltou a lembrar que indicou outro candidato (Fernando Haddad) quando foi impedido de disputar a eleição, em 2018. Ele elogiou Maria Corina por ter feito a mesma coisa ao escolher Yoris. A surpresa, segundo Lula, foi constatar que nem mesmo a substituta conseguiu o registro.

"Ela se dirigiu ao local, tentou usar o computador e não conseguiu entrar", afirmou Lula. "Então, houve prejuízo a uma candidata que por coincidência leva o mesmo nome da que havia sido proibida. Não tem explicação política e jurídica

proibir um adversário de ser candidato." Macron emendou: "Não nos desesperemos, mas a situação é grave e piorou com esta última decisão."

Críticas
Situação na Venezuela é 'grave', segundo Lula e Macron, em referência à eleição de julho

O presidente francês também criticou o processo eleitoral. "O marco em que essas eleições estão ocorrendo não pode ser considerado democrático",

disse Macron. "Vamos fazer de tudo para convencer Maduro a reintegrar todos os outros candidatos e ter eleições mais transparentes, com observadores internacionais. Condenamos a retirada de uma candidata do processo e espero que seja possível alcançar um novo marco nos próximos meses."

CRISE. No início da semana, a diplomacia brasileira havia divulgado uma nota criticando o desenrolar do registro de candidaturas e o impedimento de Yoris. O texto, segundo assessores e funcionários do Itamaraty, foi elaborado pelo chance-

ler, Mauro Vieira, e pelo assessor especial, Celso Amorim, com a aprovação de Lula.

A nota do Itamaraty expressava preocupação com a eleição e apontava que o veto a opositores é incompatível com o compromisso assumido por Maduro de realizar uma votação livre e justa. O texto, contudo, reiterava o repúdio brasileiro às sanções dos EUA.

Imediatamente, o chavismo reagiu e criticou o Itamaraty — embora poupando Lula. Em nota, o chanceler da Venezuela, Yván Gil, classificou a nota de "intervencionista, redigida por funcionários da chancelaria brasileira, mas que parece ter sido ditada pelo Departamento de Estado dos EUA".

CANDIDATOS. A janela para inscrições de candidatas na Venezuela se encerrou à meia-noite de segunda-feira. Ao todo, 13 pessoas conseguiram o registro, incluindo Maduro e alguns opositores, como Daniel Ceballos, ex-prefeito de San Cristóbal e ex-prespo político.

O governador de Zulia, Manuel Rosales, que apoiava Maria Corina, se registrou no apagar das luzes, segundo ele, "para não deixar Maduro concorrer sozinho". No fim, após concessão do regime, o grupo que apoia Yoris inscreveu o diplomata Edmundo Urrutia, na esperança de conseguir substituí-lo após 1.º de abril, em uma brecha da lei eleitoral. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional Caderno: A Página: 11